

INTRODUÇÃO

Atualmente, a pesquisa em Filosofia no Brasil tem gradualmente se modernizando, rompendo os limites do estruturalismo histórico que encerrava os pesquisadores nos liames apenas da interpretação especializada de temas e autores, que não deixava espaço para temas conjunturais de extrema relevância para a produção acadêmica pensada a partir do contexto nacional. Em geral, os pesquisadores e pesquisadoras fixavam a sua produção na própria área do conhecimento, investigando somente autores e temáticas sobre os quais são especialistas.

Todavia, de um ponto de vista social, político, econômico, cultural, religioso, educacional, etc., sempre há algo mais a pesquisar. A construção do conhecimento no campo filosófico, embora se fundamente na História da Filosofia, pode se abrir para o contexto e produzir debates que expressem o pensamento filosófico brasileiro.

Entende-se que a prática da pesquisa em Filosofia e no Ensino de Filosofia podem apresentar gratas surpresas sobre a realidade. Como salienta Gontijo, no texto de abertura, “são práticas sociais passíveis de mapeamento e análise por meio de um olhar mais amplo, que permita categorizar a relação entre a própria comunidade investigativa e sua interação com o conjunto da sociedade”.

Nesta edição da Revista *Perspectivas*, publicamos um texto de Pedro Erginaldo Gontijo, intitulado “*O Ensino de Filosofia no Brasil: algumas notas sobre avanços e desafios*”, que foi apresentado no 1º Ciclo de debates sobre Ensino de Filosofia, promovido pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Filosofia (PRO-FILO/UFT), realizado no período de 10/04 a 12/04/2017, na Universidade Federal do Tocantins, Câmpus de Palmas.

O autor apresenta um quadro sobre a situação do Ensino de Filosofia e faz uma análise da História do Ensino de Filosofia no Brasil, apontando tendências que, atualmente, caracterizam-se pela ampliação e disseminação do campo nas Pós-Graduações, Especializações, Graduações e na Educação Básica, que formam as bases para a cristalização de uma cultura filosófica. Apesar disso, ele aponta que o grande desafio a ser enfrentado, e que pode romper com as conquistas e avanços da Filosofia no Brasil, é a Reforma do Ensino Médio, sobretudo, por colocar em risco o Ensino de Filosofia.

Na sequência, um texto de Filosofia Política intitulado “*O confronto crítico de Arendt com Jaspers e Heidegger*”, de Kherlley Caxias Barbosa, que mostra a apropriação crítica de Hannah Arendt de alguns de seus mestres: Jaspers e Heidegger.

Ainda no campo da Filosofia Política, o texto de Edegar Franza Júnior traz um tema ainda pouco disseminado nas pesquisas em Filosofia, a saber, os Direitos Humanos. O artigo “*Os*

direitos básicos como Direitos Humanos em Henry Shue” discute a falsa dicotomia defendida entre os direitos positivos e negativos a partir do pensamento de Henry Shue, pesquisador do *Emerge Research Fellow*, Merton, professor da Universidade de Oxford, Reino Unido. Henry Shue se destaca pelo debate filosófico sobre as mudanças climáticas, um tema que vem despertando a atenção de pesquisadores em diferentes áreas do conhecimento.

O texto “*Cidades rebeldes e terror revolucionário: a violência divina em Slavoj Žižek*”, de Pedro Lucas Dulci, mostra como Žižek se apropria do conceito benjaminiano de violência divina para mostrar a inadequação de sua interpretação para pensar a teoria do poder destituente.

A sexualidade é um tema tratado no artigo de Diego Luiz Warmling e Marcos José Muller, intitulado “*A sexualidade entre a psicanálise freudiana e a fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty*”, que estabelece uma relação entre sexualidade e existência.

A emancipação, tema caro aos frankfurtianos, é discutido no artigo “*As consequências da divisão do trabalho para um modo de vida social emancipado*”, de Izauria Zardo, procurando mostrar os efeitos da divisão social do trabalho no processo de emancipação devido ao crescente individualismo, ao esvaziamento do debate político na esfera pública e a falta de sentido para a própria existência.

Em “*Perspectivas filosóficas e metodológicas acerca do tempo: Bachelard e Bergson*”, Fernando da Silva Machado mostra que na década de 1930, os textos de Bachelard versavam sobre o instante e a duração, partindo de uma releitura da perspectiva filosófica bergsoniana da *continuidade da duração*. O artigo analisa os métodos de Bachelard e Bergson apontando a dicotomia conceitual entre continuidade e descontinuidade, mostrando que a perspectiva bachelardiana dinamiza e pluraliza a pesquisa bergsoniana.

É com imensa satisfação que lançamos a 2ª edição da Revista *Perspectivas*. Os textos ora publicados são diversos e apresentam um debate contextualizado acerca de temas e autores que perpassam a História da Filosofia e a História do Ensino de Filosofia no Brasil. A avaliação cega pelos pares garantiu a seleção e qualidade dos trabalhos publicados.

Assim, esperamos contribuir com o debate atual no campo das ideias filosóficas.

Conselho Editorial.

Junho, 2017.